



PREFEITURA MUNICIPAL DE RIBEIRÃO CORRENTE  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
E.M.E.B. "JORNALISTA GRANDUQUE JOSÉ"

Rua Marechal Deodoro, 815 – Bairro Centro – Ribeirão Corrente - SP. CEP: 14445-000 - Fone: (16) 3749.1017

Ato de Criação: Lei Municipal N° 986, de 20 de março de 2008

Email - [granduquejose@educacao.sp.gov.br](mailto:granduquejose@educacao.sp.gov.br)

## ESTUDO EM CASA - DISTANCIAMENTO SOCIAL - COVID 19

### TRABALHO DE REDAÇÃO – 9º ANOS A e B.

**9ª SEMANA – DE 06 A 09 DE ABRIL DE 2021 – 1º BIMESTRE**

**PROFESSORA: JOYCE BERTANHA e RITA CLÁUDIA**

Nome: \_\_\_\_\_ Série: \_\_\_\_\_

- Olá! Espero que estejam todos bem!
- Esse é o nosso trabalho bimestral, valerá nota de 0,0 a 8,0. Portanto, façam com atenção, vontade e capricho.
- Todo o conteúdo foi trabalhado no decorrer das aulas. Qualquer dúvida, esclareça nas aulas do chat ou me mande mensagem no pv.

***Boa semana e bom trabalho!***

*O trabalho é para ser realizado em casa e entregue na escola até o dia*

*09/04/2021.*

Leia a crônica "Mundo Lindo", de Marina Colasanti

## Mundo lindo

Morreu o último caracol da Polinésia. Havia um caracol da Polinésia, um caracol de árvore, e nenhum outro. Era o último. E morreu. Morreu de quê? Ninguém sabe me dizer. O jornal não acha importante revelar a causa mortis de um caracol da Polinésia. Notícia apenas que com ele extinguiu-se a sua espécie. Ninguém nunca mais verá em lugar algum, nem mesmo na Polinésia, um polinesiano caracol.

Pois eu ousou dizer que sei o que foi que o matou. Ele morreu de ser o último. Morreu de sua extrema solidão. Sua vida não era acelerada, nada capaz de causar-lhe stress, mas era dinâmica; ao longo de um ano, graças a esforços e determinação e impulso fornecido pela própria natureza, o molusco lograva deslocar-se cerca de setenta centímetros. Mais, teria sido uma temeridade. Assim mesmo, de que adiantavam esses setenta centímetros suados, batalhados dia a dia, sem ninguém para medi-los, sem nenhum parente amigo companheiro que lhe dissesse, você hoje bateu sua marca? Sem ninguém para esperá-lo na chegada?

O último caracol da Polinésia olhava ao redor e não via ninguém. Ali estava, frequentemente, seu tratador – o caracol vivia no Zoológico de Londres – mas o tratador não era ninguém, o tratador era qualquer coisa menos importante que o tronco sobre o qual o caracol se deslocava,

o tratador era de outra espécie. E via, sim, de vez em quando via os pesquisadores que o examinavam, olho agigantado pela lente. Mas os pesquisadores não tinham uma concha rosada cobrindo-lhes as costas. Os pesquisadores também não eram ninguém. Então o caracol da Polinésia olhava o mundo, e o mundo estava vazio. E como pode alguém viver, como pode alguém querer viver num mundo esvaziado de seus semelhantes?

Seguramente ele era muito bem tratado no Zoológico, comida não havia de lhe faltar – o que come, comia, um caracol da Polinésia? – e de dia e de noite estava livre de predadores. Seus antepassados, talvez ele mesmo na infância, tinham tido que lutar pela sobrevivência. E a vida era dura. Mas lutavam em companhia. Quando um deles era esmagado – quantos caracóis são esmagados mesmo na Polinésia! – outros lamentavam sua sorte. Quando um deles se atrasava em sua marcha – é tão fácil a um caracol se atrasar – outros esperavam por ele. Havia sempre companheiros. E o mundo, povoado de companheiros, era lindo.

Mas os outros, os outros todos foram acabando aos poucos, vítimas do único predador disposto a transformar suas conchas em objetos turísticos. E o último caracol da Polinésia, cansado de ser o último, cansado de ser tão só, deixou-se pisar pela Morte que passava apressada, certo talvez de poder renascer em algum mundo lindo, em que milhares de ovos de caracol prepararam-se para eclodir.

Marina Colasanti In: A casa das palavras. São Paulo: Ática, 2002. p. 15-16

1. Que gênero textual é esse?

---

2. Conforme estudado na aula 7, há diversos tipos de crônica. A que tipo pertence a crônica lida?

---

3. Leia.

“O último caracol da Polinésia olhava ao redor e não via ninguém.”

Com essa frase a autora quis expressar que:

A ( ) O caracol era cego.

B ( ) Não havia ninguém na Polinésia.

C ( ) O caracol não tinha nenhuma companhia de sua espécie.

D ( ) O caracol ignorava os outros com quem convivia

4 .Leia.

“Ali estava, frequentemente, seu tratador – **o caracol vivia no Zoológico de**

**Londres** – mas o tratador não era ninguém, o tratador era qualquer coisa menos

importante que o tronco sobre o qual o caracol se deslocava, o tratador era de outra espécie.”

Sobre o trecho destacado entre os travessões marque a opção correta.

- ( ) Acrescenta uma informação sobre o local onde o caracol vivia.
- ( ) Corrige uma informação anteriormente dada.
- ( ) Explicar a localização do zoológico de Londres.
- ( ) Alerta sobre os perigos do zoológico de Londres.

# globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/nos-falamos-mas-voce-nos-ouvem-lazaro-ramos-e-atletas-relatam-luta-contra-o-racismo...

ge

ESPORTE ESPETACULAR

## Nós falamos, mas vocês nos ouvem? Lázaro Ramos e atletas relatam luta contra o racismo

Dificuldades sociais e silenciamento do povo de pele escura são abordados, também, por Marcelo Carvalho

Por Dayana Natale, Elton de Castro, Felipe Ruiz, Guilherme Pereira e Levi Guimarães Luiz — Recife e São Paulo - 07/06/2020 12h26 Atualizado há 19 horas

Personalidades do esporte brasileiro debatem sobre o assassinato de George Floyd e relembram casos de racismo "Jamais estaremos satisfeitos enquanto nossas crianças tiverem suas individualidades e dignidades roubadas". A voz de Martin Luther King, líder do movimento negro, trazia a esperança de que homens e mulheres de pele escura pudessem transitar em condições de igualdade aos brancos.

Passados 52 anos da morte do revolucionário ativista, as mortes de João Pedro e Miguel, no Brasil, e George Floyd, nos EUA, e a revolta em torno delas mostram que o desejo de Luther King ainda está distante. Mas jamais será silenciado. Negro, periférico, nascido em São Paulo, Danilo das Neves Pinheiro viveu, desde os primeiros dias de vida, a opressão comum ao povo de pele preta. Sem muitas opções, buscou no futebol a esperança para não fazer parte das estatísticas.

Virou Tchê Tchê, um meio-campo, que usou a habilidade com as pernas para superar a barreira social e homenagear quem lhe deu poder de fala: Martin Luther King. "Vim de uma origem muito humilde. Muitas vezes o direito de sonhar nos é tirado. Porque quando a gente é criança, a gente planeja, tem vários sonhos, mas ao meu ver, o que é vendido é que não temos essa condição. Hoje, temos o privilégio de ser uma voz no nosso país e ser alguém que as pessoas se espelham."

O posicionamento de Tchê Tchê diante das causas do movimento negro é algo raro, mas não inédito. Ídolo do Atlético Mineiro, o ex-atacante Reinaldo buscou no movimento negro americano a inspiração para se posicionar em campo. "Comecei a comemorar os gols com o punho cerrado. Era uma alusão ao movimento Black Power dos Panteras Negras, dos pretos norte-americanos. Eu queria dar

maior visibilidade a esse movimento aqui no Brasil, onde existe um racismo covarde, um racismo velado."

O racismo covarde, apontado por Reinaldo, é o responsável por perseguir atletas e técnicos negros depois de seus posicionamentos a favor da luta antirracista. Foi assim com ele, assim como com Paulo Cezar Caju, Tinga, Aranha... Silenciamento que ultrapassa os campos de futebol.



ensinarhoje.com

Reinaldo, ídolo do Atlético-MG, faz gesto em alusão aos Panteras Negras

Primeiro campeão pan-americano de taekwondo, Diogo Silva lembra com detalhes as consequências de, assim como Reinaldo, erguer o punho cerrado ao subir no pódio durante as Olimpíadas de Atenas, em 2004. "Eu fui perseguido politicamente, meu salário foi cortado, meus projetos não eram aprovados. Eles tentavam me invisibilizar." [...] Ator, escritor, diretor e apresentador, Lázaro Ramos é uma voz ativa dos negros e negras no Brasil. "Quando eu era pequeno, nunca sonhei em ser uma voz contra o racismo. Hoje em dia eu falo, mas não tenho nenhum prazer em falar sobre isso. Mas pela situação que a gente vive e por ter o privilégio de ter uma voz, eu falo porque posso tocar o coração das pessoas." [...]

Pesquisador e responsável pelo Observatório da Discriminação Racial no Futebol, Marcelo Carvalho reconhece as dificuldades de falar, mas acredita que posicionamentos como os de Tchê Tchê são determinantes para auxiliar o combate ao racismo. [...] "Quando a gente fala em posicionamento de jogador de futebol no Brasil, porque atletas de futebol não se posicionam, a gente deve lembrar que falar de racismo para nós negros, é buscar na memória algo extremamente ruim. É buscar na memória uma situação marcada por algo negativo."

ensinarhoje.com

Fonte: <https://globoesporte.globo.com/programas/esporte-espetacular/noticia/nos-falamos-mas-voce-nos-ouvem-lazaro-ramos-e-atletas-relatam-luta-contra-o-racismo.ghtml>

5. Qual o assunto abordado na reportagem?

---

---

---

6. Qual era o desejo de Martin Luther King?

---

---

---

7. Qual sinal de pontuação foi utilizado para apresentar as falas das pessoas na reportagem?

---

8. Uma reportagem apresenta fatos e opiniões. Leia as frases abaixo e marque aquela que expressa um fato.

"... A gente deve lembrar que falar de racismo para nós negros, jogadores negros, é buscar na memória algo extremamente ruim."

"Comecei a comemorar os gols com o punho cerrado. Era uma alusão ao movimento Black Power dos Panteras Negras, dos pretos norte-americanos."

"Hoje em dia eu falo, mas não tenho nenhum prazer em falar sobre isso."  "Jamais estaremos satisfeitos enquanto nossas crianças tiverem suas individualidades e dignidades roubadas".

BOM TRABALHO!